



Assinaturas--Barcellos 2 mezes 200 rs.--Fóra de Barcellos 6 mezes 700 rs.--Composto e Impresso--Typ. "Centro de Novidades,"--Barcellos

Assumptos locais

I

A planta da villa

UMA das coisas cuja falta muito se tem feito sentir e que talvez muitas vezes haja embaraçado a vereação municipal, dificultando-lhe a approvação immediata do projecto de qualquer predio urbano que tenha de ser construido ou reconstruido, ou mesmo de outra obra que quaesquer dos habitantes da villa pretenda fazer, é uma planta geral da villa, a que obedeçam todas as edificações e que seja o guia de todos para aformoseamento da nossa terra, evitando-se assim muitos erros que não raras vezes se praticam e que tem dado motivo a dissabores.

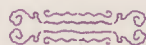
Uma das pessoas a quem ha tempos entrevistamos, sobre os melhoramentos a effectuar em Barcellos—um barcellense por muitos motivos respeitavel—o sr. José de Bessa e Menezes,—disse-nos que : «o que julga mais urgente e necessario é a planta da villa. Sem ella, não podemos fazer nada. Nós precisamos de saber o que ha-de ser a villa do futuro.»

Outra pessoa, a quem tambem em igual tempo ouvimos, e que é tambem um dos mais illustres filhos d'esta terra—o sr. dr. Vieira Ramos—disse-nos, fallando dos melhoramentos locais mais urgentes: que era preciso «cuidar muito das construcções e reconstrucções urbanas»; e isto demonstra claramente, a nossa ver, que aquelles cavalheiros, como toda a gente culta, reconhece a necessidade de uma planta geral da villa, pois que, sem ella, não podemos traçar um largo plano de melhoramentos nem saber se, um predio que se fa-

ça, irá estorvar, no futuro, o embellezamento da nossa terra.

Sem essa planta, não podemos nem devemos fazer obras com alinhamentos rigorosos.

Urge, portanto que, um dos primeiros trabalhos a effectuar, seja o do levantamento da planta geral da villa, por todos tão reclamada; e então, depois d'esse trabalho feito, não se consinta que a mais pequena obra ou reparo se faça, sem as prescripções da planta geral da villa serem observadas rigorosamente.



Pela instrucção

Uma conferencia notavel

A conferencia aqui feita pelo distincto professor official de S. João da Foz, sr. Antonio de Abreu Graça, mostrou, por uma forma clara e incontestavel, o grande atraso em que o nosso paiz está relativamente á instrucção popular. E é forçoso, é urgente mesmo, assemelhar, o mais possivel, a escola portugueza á escola Suissa, em processos e meios: de ensino, de educação pratica e theorica.

Foi esta, em resumo, a impressão que nos ficou da notavel conferencia:—notavel, pela forma clara da exposição dos factos e pela analyse, muito expressiva, das causas que deram tão grande desenvolvimento e aperfeiçoamento á Escola popular Suissa.

D'essa por todos os motivos brilhante conferencia, o distincto advogado e incansavel secretario da nossa *Liga Barcellense d'Instrucção e Educação*, sr. dr. Belleza dos Santos, fez um claro e proficiente resumo, que foi publicado no semanario local *Folha da Munká*, factio por que todos os

C.M.B.
Biblioteca

que não ouviram o sr. Abreu Graça têm já conhecimento do seu magnifico trabalho.

Porém — e apesar de o nosso illustre collaborador M. se ter occupado do assumpto na sua penultima *Chronica ligeira* — nós queremos que aqui fiquem registados alguns periodos do tambem magnifico trabalho do sr. dr. Belleza dos Santos, motivo por que, com a devida auctorisação de s. ex.^a, os vamos transcrever, na impossibilidade de podermos publicar, na integra, todo aquelle claro resumo da conferencia effectuada no dia 7 do mez de novembro, para mostrar, tambem aos nossos leitores, o que é a *Instrução Popular na Suissa*.

*

«O Suisso, foi sempre e é ainda principalmente pastor; vive na montanha;» portanto, na montanha tambem ha escolas, e estas escolas, que se denominam montanhesas, «tem um horario differente da Escola da planicie e da Escola urbana. Se o pastor se demora na conducção dos rebanhos do meio dia ás 4 da tarde, a Escola será das 7 ao meio dia, por exemplo e das quatro por deante». Assim, o horario escolar procura harmonisar-se com o horario do trabalho da população local, de modo a facilitar a frequencia da escola; pois que a isso são obrigados, todos, desde os 7 aos 19 annos d'idade, epocha esta ultima em que se effectua, para os homens, o «*exame de recruta*, sem o qual o cidadão suiso não pode entrar nas fileiras do exercito e de que são elementos indispensaveis: a *historia patria* e a *educação civica*»

Mas, além d'isto, na Suissa ha ainda outros cuidados que muito contribuem para a educação pratica do individuo; é o seguinte:

«Se a região onde a Escola está situada é fabril: o professor suiso procurará, dar tambem ao seu ensino, esse character; mostrará as fabricas, aos seus alumnos, explicar-lhes-ha os mecanismos, tentará desenvolver-lhes o gosto, a aptidão, a habilidade, para a industria, fazendo d'elles bons artifices.

«Se predomina, no local, o pastoricia; adaptará tambem a escola á vida regional: ensinando o melhor tratamento dos rebanhos, o melhor fabrico do queijo ou da manteiga.»

Ora, por estes processos tão praticos, nem os alumnos se caçam, por que a escola se lhes torna uma distracção, nem carregam o cerebro com lições theoricas que, quasi sempre, esquecem, como de resto entre nós acontece. Pois se nós estamos a vêr que a uma creança de 9 annos se lhe

ensina arithmetica, geometria, grammatica e mais cousas que eu não sei!

Era por aquelles processos, que a nossa escola deveria ensinar.

Demais, na Suissa, a obrigatoriedade do ensino, não é, como entre nós, uma phantasia ou uma diploma mais a augmentar o maço das leis. Alli, as leis d'instrução popular são feitas pelo povo de cada communa, que entre nós é um concelho, á sua vontade, não esquecendo, é certo, a lei do governo central, que determina, quanto á organisação do ensino, o seguinte: que elle seja «*obrigatorio, gratuito, sufficiente e tolerante.*»

E «se os paes são desleixados ou egoistas, tem na lei pesadas multas para os punir» as quaes multas a commissão escolar de cada communa ou concelho, «nunca deixa de lhes impôr.»

Os edificios escolares da Suissa, são verdadeiros palacios, onde a creança tem todas as commodidades e todas as boas condições hygienicas: a escola da-lhes «vestuario, a alimentação e o carinho do professor.»

E para demonstrar como o povo Suisso ama a Escola, como elle a procura e aproveita, porque alli ha patriotismo, é ver o seguinte:

«... em 1905, nos 28:201 casamentos celebrados na Suissa, apenas 79 homens e 137 mulheres eram analphabetos e d'estes, só um homen e 3 mulheres de nacionalidade Suissas, que allás tinham emigrado, no periodo Escolar»!

O ensino na Suissa, «começa na Escola Infantil onde se faz com simples palestras, com interessantes lições de coisas ao sabor da curiosidade do pequeno alumno, que a mestra provoca e encaminha; e conforme a inclinação da creança, para este ou para aquelle assumpto, inclinação que ella mostra pelo interesse que lhe desperta a palestra, é que o estudo prosegue.

Aqui, é o contrario. A creança é obrigada a estudar uns certos e determinados assumptos, que o poder central indica todos os annos e por diversissimas reformas escolares!

Além disso, os professores são alli escolhidos pelas communas, d'entre aquelles que tenham boa preparação scientifica, fazendo cursos especiaes nos grandes estabelecimentos d'instrução superior, sem empenhocas, e «além da sua frequencia nas Escolas Normaes, tem cursos de pratica pedagogica, a cujas exigencias deve satisfazer; e pôde frequentar e de facto frequenta, as Universidades, onde completa a sua preparação para o ensino.»

Dos nossos poetas

A COROA DE ROSAS

*Afim, occulto amor, de coroar-te,
De adornar tuas tranças luminosas,
Uma c'roa teci de brancas rosas,
E fui p'lo mundo fóra, a procurar-te.*

*Sem nunca te encontrar, crendo avistar-te
Nas moças, que encontrava, donairosas,
Fui-as beijando e fui-lhes dando as rosas
Da c'roa feita com amor e arte.*

*Trago, de caminhar, os membros lassos,
Acutilam-me os ventos e as geadas,
Já não sei o que são noites serenas. . .*

*Sinto que vaes chegar, oiço-te os passos,
Mas ai! nas minhas mãos ensanguentadas
Uma c'roa de espinhos trago apenas!*

(1) Eugenio de Castro.

(do livro "Depois da Ceifa,")

(1) Antigo chefe dos nossos symbolistas e decadentes. — A sua arte, tem de ordinario, a opulencia brilhante e complicada de uma joia da Renascença. — A's vezes é de um preciosissimo um pouco impertinente, quasi sempre elevado. — Em muitos dos seus versos, como no soneto que hoje publicamos attinge, porem a coracção admiravel e a perfeita simplicidade que torna, no dizer de Anatole France, immortaes e eternamente admiradas, as obras de arte que as realisam.

«O exame (dos alumnos) faz-se sem epoca certa, sem preparacção especial para o ensino.»

«O alumno não sabe que vaee prestar essa prova» de modo que vaee dizer o que realmente sabe. «Entre nós, o exame tem dia fixada com larga antecipaçãoo, pelo que o professor lhe mette, quasi a pico, os conhecimentos precisos para fazer o exame, de modo que, dias depois, o alumno pouco ou nada sabe da prova que deue e da qual, por uma recommendaçãoo ou pedido especial para o jury, obteve um honroso diploma, que nada fica valendo, por que o alumno pouco ou nada fica sabendo.

.....
Aqui tem os nossos leitores um ligeiro resumo da conferencia do sr. Abreu Graça e um pallido resumo, tambem, do trabalho do nosso distincto collaborador sr. dr. Belleza dos Santos. Um movimento capaz de modificar o nosso actual systema de ensino primario, amoldando-o ao methodo e systema Suisso—sãoo os votos sinceros que fazemos. A' Liga d'Instrucção, a nossa felicitaçãoo sincera pela sua orientaçãoo, tendente a mostrar, por meio de conferencias, o que é a nossa instrucção publica em face da instrucção popular da Suissa.

CONTOS

A ambição de Gracinda

A bella Gracinda tinha uma ambição: casar; ambição naturalissima e plenamente desculpavel em quem era solteira de nascença—ha bons vinte e quatro annos.

Poderá, para sisudos e respeitaveis moralistas, ser muito condemnavel tal desejo; creio mesmo na impossibilidade d'uma absolvição, se ella d'isso se confessasse.

Mas o que é certo é que n'uma sociedade eivada dos mais absurdos preconceitos, em que a mulher para—sem desdouro—poder ser mãe ou esposa, tem de regular o desempenho d'essas nobres missões pelo que as leis lhe preceituam—a aspiração d'ella não pode ser outra senão o casamento, a não querer romper com todas as convenções e expor-se á pseudo ignominia de amar livremente e de livremente ser mãe.

Porém, tal doutrina é impraticavel—até um dia em que a Humanidade atinja o auge da perfeição—banindo de si todos esses males que a entestam.

Gracinda comprehendeu isso tão bem e tão cedo que, aos quinze annos, já tinha iniciado o seu tirocinio para o casamento, com um namoro. Dizer que ella amava seria profanar esse nobre sentimento, que se convencionou exprimir na simplicidade d'estas quatro letras: Amor.

Escreveu muitas cartas e soffreu muitas horas de melancolia; teve muitas entrevistas e fez muitos juramentos, com a invocação de quantos santos e santas ha na celestial côrte—juramentos que acabou por trahir—não obstante a sua ardente fé e devotado amor pela Santa religião.

Depois, veio outro namoro e a seguir outro e outro e sempre outro, até que chegados os 24 annos, esquecidas as vinte e cinco paixões que havia tido, desanimou de conseguir o seu tão almejado fim.

Oh! as noites de horriveis insomnias que ella soffreu com tão medonho pesadelo!

Morrer solteira! . . .

Haverá nada que mais atormente uma mulher de 25 annos, que quer casar, do que o pensa-

mento constante de que está condemnada ao eterno celibato?

--Mas não! não póde ser—dizia ella para consigo—Eu não sou assim tão mau bocado que todos regeitem . . .

É um dia appareceu de semblante risonho, que logo denunciava ao menos perspicaz uma grande satisfação intima.

E' que Gracinda havia feito uma descoberta!

Não se tratava do motu-continuo, nem de coisa que se pareça . . .

Descobriu n'um jornal, nem mais nem menos, que . . . um annuncio de uma agencia de casamentos.

Estava resolvido o problema . . . Seria casada e em poucos dias, pois ella desejava-o e com a maior brevidade possivel.

Foi obra de poucas horas apresentar-se na reclamada agencia a fazer a sua proposta.

Não era exigente; qualquer noivo, de boa figura e posição rasoavel, lhe servia; tambem o não desejava muito edoso . . . De resto . . .

—Oh, minha senhora! Não podia encontrar melhor occasião . . . Agora mesmo acaba de nos pedir os nossos serviços um cavalheiro que deve satisfazer plenamente V. Ex.^a, com a vantagem de ter ainda outros predicados apreciaveis e alguma fortuna . . . Devo porem Informal-a que é viuvo . . .

—Isso pouco importa—titubeou Gracinda.

—N'esse caso, se V. Ex.^a m'o permite, eu irei busca-l'o e farei immediatamente a sua apresentação.

Aquiesceu Gracinda e o empertigado gerente de tão benemerito estabelecimento sahio.

Curta foi a demora.

Volvidos momentos, eil-o de volta acompanhado já do noivo escolhido.

Gracinda esperava-os, soffucada pela commoção e prazer de tão facilmente ser realisado o seu desejo.

A' medida que os passos se approximavam, mais lhe augmentava a commoção e quando sentiu abrir-se a porta até sentiu vertigens. Porém, quando fitou e reconheceu o marido que lhe destinavam, soltou um grito e cahiu inanimada n'uma voltaire.

E' que esse viuvo era . . . seu pae, que não se resignava á viuvez.

ILLYDIO NUNES.

BARCELLOS

BANHO — VILLA COVA



Ruínas do Mosteiro de S. Salvador de Banho

Cliché de Francisco Soucasaux

Simill-gravura de Marques Abreu

Mosteiro de S. Salvador de Banho

O mosteiro de Banho, foi fundado pelo 16.º Bispo de Braga, D. Pedro II, antecessor de S. Geraldo, primeiro Arcebispo, entre os annos de 1067 e 1073.

Pertenceu este convento á Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho (cruzeiros) e n'elle floresceram varões de grandes virtudes.

Foi no convento de Banho que tomou o habito o beato D. Godinho, que foi um dos seus Prioros, e pelos annos de 1175 a 1188, Arcebispo de Braga, o 21.º na serie chronologica dos prelados braccenses.

D. Godinho era barcellense, e filho de João de Faria, rico homem do tempo do Conde D. Henrique e de D. Anna Godinho, filha de D. Godinho Paes de Villar, padroeiro do convento beneditino de S. Salvador de Villar.

D'este convento, sahiram tambem os tres primeiros prioros do Mosteiro de S. Vicente de Fora, em Lisboa; D. Godinho, que foi bispo de La-

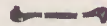
mego, D. Mendo e D. Payo, varões insignes em letras e virtudes.

Mais tarde passou este convento a ser administrado por commendatarios, e no tempo do Cardeal D. Henrique, em 1566, foi reduzido a comenda da Ordem de Christo e reitoria secular.

Em 1606, era commendador de S. Salvador de Banho o Conde de Redondo.

Ficava este convento na antiga freguezia de S. Salvador de Banho, hoje extincta e annexada á de Santa Maria de Villa Cova, do concelho de Barcellos.

Do velho cenobio de Banho, restam hoje curiosas ruínas, de que acima damos uma photographura.



Convento de S. Salvador de Villar

Por motivo contrario á nossa vontade, fomos levados a não inserir, hoje, a gravura do interior da igreja do antigo convento de S. Salvador de Villar. No proximo n.º se inserirá, acompanhada da continuação do respectivo artigo historico.

De relance

A cadeia civil de Barcellos é, no dizer de toda a gente, uma masmorra immunda, anti-hygienica, onde até os animaes estariam mal!

Não sou eu que o digo: é toda a gente!

Mas não são só as suas condições anti-hygienicas que condemnam aquelle edificio e que pedem a sua demolição ou, pelo menos, a sua condemnação como cadeia civil.

E' mantida por todos a necessidade de se mandar construir uma cadeia moderna, com cellas diversas e onde os presos de cada cathegoria estejam separados; pois que, uma cadeia como a nossa é,—onde estão juntos os assassinos, os ladrões, os vadios, os desordeiros e até as creanças que ali vão parar por terem commettido qualquer pequeno erro ou abuso—pode mais ser considerada uma escola de mal-feitores, assassinos e ladrões, do que uma cadeia preventiva ou correcional, como, geralmente, ellas devem ser.

Os que matam, devem estar separados dos que roubam; os que batem, devem estar tambem separados d'aquelles. Pois quantos, que para lá vão para averiguações ou para responder por terem proferido palavras obscenas, d'ali sahem conhecendo o modo como se pratica o crime: os instrumentos com que se mata e com que se rouba; conhecendo, enfim, todas as minudencias do crime?

Até as creanças que ali vão ter em vez de irem para uma casa de correção, d'ali sahem *mestres* em tudo!...

A necessidade de uma nova cadeia está de pé: como de pé está tambem a necessidade de se separar, por cathegorias, os differentes presos.

Argumenta-se que a camara não tem dinheiro e que a cadeia custa alguns contos. Concorde com estes argumentos. Mas ahí vae um alvitre, como remedio a esses males e difficuldades que aponteí e que todos conhecem:

No edificio dos Paços do Concelho e com entrada pela porta do Tribunal, mesmo em frente á administração do concelho, ha uma vasta dependencia que, creio, não é utilizada e que me parece poder ter os indispensaveis meios de segurança sem grande dispendio.

Pois n'esse logar e com uns compartimentos ligeiros, poderiam ser internados os presos accusados de crimes leves e os que são capturados para averiguações. Assim, retirar-se-hiam as crean-

ças do contacto com os grandes criminosos e todos da escola do crime, da desmoralisação e do vicio que é, o que é, a nossa cadeia e todas as que estejam nas lastimaveis condições d'ella.

A quem competir, eu deixo a ponderação do que exponho.

J. S.



Chronica ligeira

O primeiro dia da quinzena que tenho de referir, é o d'um anniversario glorioso, cuja commemoração vae, infelizmente, assaz obliterada. Parece que a grandeza do feito não cabe na memoria dos contemporaneos.

Ha, porém, quem entenda plenamente justificada a verdadeira indifferença com que se vê passar a data fastosa, que lembra uma das mais brilhantes acções do patriotismo portuguez.

-- Não devemos hostilisar a Hespanha, a nação nossa irmã, dizem uns.

—Porque foi um erro, arriscam outros, não merece solemnisação.

Ora, francamente, não pode constituir motivo d'indifferença ou menos consideração pelo paiz visinho, a consagração do jubiloso dia em que, por um esforço heroico d'antepassados illustres, podemos haver de novo a perdida independencia.

Nas festas com que sempre se devia celebrar o dia memorando, não teriamos proposito de amesquinhar o povo amigo, mas unicamente a idéa nobre de recordar os inclitos conjurados de 1640, n'um justo preito de *sympathia* e viva aclamação. D'este modo não havia *hostilidade*, havia a affirmação de que nos sentimos legitimos herdeiros d'aquelles que souberam quebrar o jugo tremendo d'uma dominação ultra-pesada, pela qual não são responsaveis os hespanhoes d'hoje e que, certamente, reprovam.

Agora, seria de facto um *erro* esse grandioso lance que restituiu a Portugal a sua libertação?

Não me parece. Certo, que a unificação peninsular, importava na constituição d'uma enorme potencia que havia de impôr-se ao respeito das nações e, concomitantemente, nós d'esse respeito participaríamos. Mas, na verdade, tornar-se-ia ella um facto pela identificação dos povos?

Dar-se-hia a conveniente e necessaria cordealidade, o interesse bastante para uma ligação absoluta, que podesse ser tonada por uma completa integração? Não o creio.

OS ETERNOS RIVAES

(TRADUÇÃO)

Scena antidiluviana irrepresentavel

Uma das amplas quadras da arca de Noé durante o diluvio universal.

Em um dos seus angulos, dois cães de formosa apresentação dormem tranquillamente. Peito d'elles, Bellalinda e Zarandrajo, gatos de pelle lustrosa, olhos reluzentes e rabos inquietos, conversam em voz baixa.

No resto da instancia aqui alli, dormem por pares animaes de distinctas especies, incluso um macho e uma mula que Noé distrahidamente introduziu na arca e fazem n'ella os mais ridiculos dos papeis.

Reina na quadra um relativo silencio; por uma alta e estreita janella penetra a debil luz de um amanhecer triste e chuvoso.

Bellalinda — (*nerveosa batendo com o rabo no chão*)
Olha como dormem esses brutos; nós em compensação não podemos pregar olhos em toda a noite. Infame Noé!

Zarandrajo — Dizes bem Bellalinda; infame Noé! Nunca cri que nos tratasse com rigor tão extremo; mais valera a nossos corpos nadar sobre as odiosas aguas que hão-de inundar a terra, que soffrer este vexame, este supplicio.

Bellalinda — Ouve: que disse elle ao encerrar-nos n'este cubiculo immundo?

Zarandrajo — (*admirado*) Como! Pois não escutas-te o seu pesado discurso?

Bellalinda — (*Suspirando e lambendo-se de gosto*) Não; um cheiro a carneiro assado arrastou-me para a cozinha.

Zarandrajo — Pois disse que bastante fazia com salvar-nos a vida, distinguindo-nos dos outros animaes da nossa especie; acrescentou que todos deviamos cooperar para o fim desejado e que para isso nós, os grandes animaes, protegeriamos e alimentariamos os pequenos.

Bellalinda — Segundo isso, não somos nós os unicos prejudicados?

Zarandrajo — Não; o velho Patriarcha disse-o bem claro: Do cavallo viverão as moscas; do gato, as pulgas; do leão, os alados mosquitos.

Bellalinda (*Com ira*) Velho manhoso!

Zarandrajo — Tocou-nos a peor parte; qualquer dos outros insectos nos era preferivel. A mosca distrahe com o seu vôo incessante e o mosquito deleita com a sua musica celeste.

M.



PERFIS MASCULINOS

XVII

Deixa-o Musa, um só momento
E vem inspirar-me agora;
Astros lá do firmamento:
Dae-me a luz que o enamora!

Quando *bota faladura*
Deixa tudo embasbacado;
E se *bota escrevedura*
Que phrases, que rendilhado!

Se recita, que primor!
Que sentimento d'artista!
Vê-se n'elle esse orador,
Vê-se n'elle esse estylista!

No palco, no fino drama,
E' divino, é magistral;
Que sentimento derrama
No *papel* de *cardeal*!

Decidiu-se á dessidencia
Da *bucocada* local
E' cada correspondencia! . . .
Diz-lhe coisas um jornal! . . .

Madruga perto das onze;
— Que sacrificio, coitado! —
Outras vezes quando o bronze,
Diz que o dia está rachado!

DOIS AMIGOS.

Bellalinda — E nenhum d'elles tem a ousadia de dormir sobre o animal que o sustenta.

Zarandrajo — Nem são ladrões ; o mosquito ferre frente a frente e, antes de ferir, aproxima-se dizendo nobremente : «Prepara-te, vou para ti, alguma coisa pretendo de ti»; a pulga é exactamente o contrario, quando julgas que ha-de ferir-te n'uma orelha, crava-te a sua lanceta junto ao rabo.

Bellalinda — (*Revoltando-se furiosa*) Ah ! infame Noé ! Ah, velhaco ! Eu saberei vingar-me de ti.

Zarandrajo — Temos de soffrer durante quarenta dias este suplicio ?

Bellalinda : — (*com firmeza*) Não.

Zarandrajo : — (*admirado*) Que pensas fazer ?

Bellalinda — (*em voz muito baixa*) Depressa o has-de ver; o cão é de condição nobre, mas orgulhoso e enfiado; eu saberei aproveitar-me do seu orgulho para ficar livre d'esta servidão odiosa.

Zarandrajo — Será possível ?

Bellalinda — Antes que o gallo cante duas vezes deixarás de soffrer.

Zarandrajo — (*enternecido*) Tenho fê em ti, minha Bellalinda; és ladina e habil, vences o rato em ligeireza e a raposa em astucia; ninguem como tu domina a arte do engano e a sciencia da rapina. Sabes furtar e limpar o teu focinho em recato para que ninguem note n'elle os vestigios do furto. (*mordendo-a brandamente*) O', minha querida gatinha ! O', femea dos meus amores; tu saberás libertar o teu Zarandrajo d'esta mortificante tyrannia !

Bellalinda — (*Notando que o gallo accorda e estende as suas asas batendo com ellas no grosso barrote que o sustenta*) Cala-te ! Fecha os teus olhos e finge que dormes. Logo, quando eu falle, confirma tudo o que eu disser. (*Zarandrajo obedece e ambos fingem estar entregues ao mais delicioso dos somnos.*)

(*O Gallo canta atroando os ares e os moradores da quadra despertam entre ruidosos bocejos e desesperos brutaes.*)

O Cão — (*Estirando as patas, arqueando o lombo e dando com o rabo em Bellalinda*) E'h ! Já é dia, senhores gatos !

Bellalinda — (*Entreabrindo os olhos*) Será possível ?

Zarandrajo — (*Depois de um bocejo digno de um felineo anti-diluviano*) Cantou já o gallo por ventura ?

A Cadella — Ha, quanto tempo !

Bellalinda — (*Adoptando uma distincta posição e*

elevando os olhos ao ceo) Louvado seja Noé que tanta dita soube deparar-me !

Zarandrajo — (*Seguindo a corrente com grosseira hyprocrisia*) Louvado seja onze vezes !

Bellalinda — (*na mesma posição*) Jamais fechou os meus olhos um somno tão encantador. O' celestias pulgas ! O' sagrados insectos ! O' grande e magnanimo Noé . . . !

O Cão — (*Para a cadella*) Que diz ella ?

A Cadella — (*admirada*) E' estranho; parece victima de uma alucinação.

Bellalinda — (*cada vez mais exaltada*) Os grandes animaes alimentarão os pequenos ! Do cavallo viverão as moscas; do gato as pulgas e do leão, os alados mosquitos !

Zarandrajo — Somos grandes como os cavallos e ferozes como os leões, graças ati o', Noé !

Bellalinda — Graças a vós ó divinas pulgas !

O Cão — (*Entre envejoso e admirado*) E' certo quanto dizes senhor gato ?

Zarandrajo — Pois ainda o ignoravas ?

Bellalinda — Não escutaste as phrases do bondoso ancião ?

(*Continua.*)



SALA DE VISITAS

Revista do Bem — publicação illustrada quinzenal, de propaganda moral e educativa :

Recebemos os n.ºs 97 a 101 d'esta revista lisboense, que veem illustrados com os retratos de : D. Frei Caetano Brandão, Clémense Royer, Charles de Raemi, Montyon e Arthur Telles.

Agradecidos.

* * *

Revista Burocratica — defensor dos interesses do funcionalismo publico portuguez :

Tambem recebemos o 1.º n.º d'este « repositório de legislação e jurisprudencia administrativa, civil, commercial, fiscal e ecclesiastica », que muito util é a todas as pessoas.

E' constituida por 8 paginas bem impressas e, em separata, vêm tambem 8 paginas para a formação de um muito util *Diccionario de Medicina Pratica*. Administração, rua de S. Lazaro, 151, Lisboa.